



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2021.57796

GÊNEROS E SEXUALIDADES: ESCRITAS JUVENIS NA TESSITURA DE ESPAÇOS FRONTEIRIÇOS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

GENDERS AND SEXUALITIES: YOUTH WRITING IN THE TESSITURE OF BORDER SPACES IN YOUTH AND ADULT EDUCATION

BESERRA, Raquel Carine Martins¹

SILVA, Maria Eleni Henrique da²

RESUMO

O objetivo do trabalho foi compreender como as escritas juvenis, a partir de suas questões referentes aos gêneros e às sexualidades, têm dialogado com a EJA em uma escola pública municipal de Fortaleza. A abordagem teórico-metodológica teve caráter qualitativo, utilizando-se da pesquisa participante com base na dialética, tendo como sujeitos as juventudes da EJA. Dentre os procedimentos, há: a observação participante com registro em diário de campo, as conversas informais, as entrevistas semiestruturadas e as rodas de conversa com jovens. No geral, as escritas juvenis se apresentaram como fronteiras culturais junto à modalidade, caminhando lado a lado, exigindo-nos diálogo. Conclui-se que, quando a escola pública não dialoga com as múltiplas culturas com as quais convive, tende a fortalecer a neocolonialidade e as subalternidades impostas na América Latina e no Brasil, afetando os grupos majoritariamente de negros/as, de mulheres, LGBTQI+, de jovens e das classes populares. Para tanto, as escritas juvenis que, por ora, situavam-se na EJA, sinalizavam em seus cotidianos territórios de aprendizagens com traçados de reexistências.

PALAVRAS-CHAVE: Escritas juvenis; Educação de Jovens e Adultos; Gêneros; Sexualidades; Reexistências.

1 Universidade Estadual do Ceará - UECE. Fortaleza, CE, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2949-713x>. e-mail: raquel.beserra@uece.br.

2 Universidade Federal do Ceará - UFC. Fortaleza, CE, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3275-0343>. e-mail: melenih@hotmail.com.



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2021.57796

ABSTRACT

The article approaches the relationship between youth and Youth and Adult Education (YAE). The general objective was to understand how youth writings have dialogued with YAE in a public school in the city of Fortaleza. The theoretical-methodological approach had a qualitative character, using participatory research based on dialectics, having YAE youths as subjects. Among the procedures, were: participant observation recorded in a field diary, informal conversations, semi-structured interviews, and conversation circles with youngsters. In general, youth writings presented themselves as cultural boundaries along with the modality, walking side by side, demanding dialogue. It was concluded that when the public school does not dialogue with the multiple cultures with which it interacts, it tends to strengthen neocolonialism and subalternities imposed in Latin America and in Brazil, affecting mostly blacks, women, LGBTQI +, youth, and those underprivileged. Youth writings that were currently located in the YAE, pointed in their everyday lives learning territories with traces of re-existences.

KEYWORDS: Youth writing; Youth and Adult Education; Genres; Sexualities; Re-existences.

INTRODUÇÃO

A proposta de trabalho é parte de uma pesquisa de tese de doutorado que se propôs a estudar as relações entre as juventudes e a Educação de Jovens e Adultos (EJA) em uma experiência tecida a várias mãos e corpos em uma escola pública municipal, na cidade de Fortaleza. O objetivo da pesquisa foi compreender as escritas juvenis, em seus modos de ser e fazer, na constituição de seus espaços na referida modalidade. De modo particular, para o presente artigo, discorreremos acerca das experiências em torno dos gêneros e das sexualidades juvenis entrelaçadas em seus cotidianos.

Na conjuntura atual em que vive o país, com destaque para as últimas vivências eleitorais e os seus respectivos debates, conflitos e enfrentamentos, com maior acirramento no segundo semestre do ano de 2018, identificamos que as pautas no campo da diversidade e da diferença se sobressaíram como temas pertinentes. Junto a isso, indagamos sobre as configurações presentes em nossos processos formativos, com destaque para as afetividades, os gêneros, as científicidades e as culturas ancoradas em crenças e valores de diversas ordens.

Nesse circuito, a escola se apresentou e se apresenta, rotineiramente, no centro da arena pública como uma das principais instituições responsáveis pelos processos



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2021.57796

formativos e reprodutivos para a socialização de gerações presentes e futuras. Ao transitar nesses espaços escolares, trabalhando e convivendo com os diversos sujeitos à nossa volta, algumas inquietações começaram a fazer parte do nosso cotidiano. Elementos como as dificuldades em lidar com os/as estudantes situados/as nas escolas municipais, sobretudo os/as “não-compreendidos/as”; as reclamações de vários profissionais com relação aos/às jovens que chegam à EJA; a recusa, em nossas práticas, ao lidar com as comunidades e os territórios que devem fazer parte das escolas; as rotinas e os horários inflexíveis da escola, ao mesmo tempo em que esse mesma escola se configura, em grande medida, como um espaço de sociabilidades e de lazer; as salas de aula superlotadas; as posturas hierárquicas e segregatórias; as condições de trabalho docente; a hegemonia das avaliações externas e internas em detrimento de processos educativos ampliados e integrais; os insultos vinculados às relações étnico-raciais, religiosas, geracionais, de gênero, a sexualidade e de classe, sejam entre educadores/as e estudantes, entre os/as próprios/as estudantes, entre os/as profissionais da educação, entre os/as educadores/as e gestores/as, ou entre as famílias dos/as estudantes e os/as profissionais da escola; a difícil abordagem pedagógica junto aos/às estudantes com deficiência dentro de uma política de massa; as vantagens e as desvantagens diante da “colegagem” e/ou “pessoalidade” implicadas na não distinção entre o público e o privado e tantos outros aspectos que impregnam os nossos cotidianos escolares, obliterando propostas democratizadoras.

De toda a forma, indagávamos em relação aos nossos limites para trabalhar com as diferenças humanas e culturais múltiplas que se apresentavam na educação pública escolar. E, de maneira mais específica, para a pesquisa, questionávamos em relação às nossas dificuldades em trabalhar com as juventudes, suas culturas (seus modos de ser e fazer), que vêm frequentando as escolas, em especial a EJA. Não constituindo, todavia, essas dificuldades uma questão exclusiva da modalidade em estudo.

Ao nos referirmos aos/às jovens que estão na EJA, expomos como hipótese que, por ora, há desencontros entre o que se propõe no espaço escolar (como, por exemplo: currículo, estrutura, abordagem) e o que os/as estudantes, como sujeitos de cultura, apresentam em suas expressões e desejos quando chegam à escola (ARROYO, 2017; CARRANO, 2008), aspectos reafirmados junto aos achados da pesquisa. Dos desencontros relativos às relações sociais, é fundamental refletir sobre os entrelaces que vêm se estabelecendo entre os sujeitos, a escola, as suas territorialidades, os gêneros, as sexualidades, as etnicidades, as gerações e as classes sociais no cotidiano escolar.

Contudo, Machado Pais (2003), estudando as culturas juvenis em Portugal, convida-nos ao seguinte questionamento: “Mas sentirão os jovens estes problemas como



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2021.57796

os seus problemas?” Ou seja, das problemáticas que são parte desse trabalho, pensar as interrogações que os/as próprios/as jovens apresentam, interpelam quando lidam com o cotidiano, a escola, o bairro e as suas interações com a modalidade se tornam centrais. No nosso ponto de vista, estudar as escritas juvenis, suas culturas na EJA em escolas municipais, tomando como referência os seus saberes/fazer³ cotidianos, torna-se fundamental para colaborar com as políticas públicas, seja no aspecto curricular, seja no âmbito da formação docente, seja quanto às abordagens metodológicas a serem tecidas nesses espaços.

A abordagem teórico-metodológica da pesquisa teve caráter qualitativo, utilizamos como inspiração a pesquisa participante com base na concepção dialética do conhecimento. Consideramos como sujeitos centrais as juventudes de duas turmas de EJA em uma escola pública municipal, em Fortaleza. Dentre os procedimentos utilizados, há: a observação participante com registro em diário de campo, as conversas informais, as entrevistas semiestruturadas e as rodas de conversa com jovens.

A seguir, abordaremos de modo específico, o trato dos conteúdos e das experiências relativos ao gênero e à sexualidade transpassados no cotidiano escolar, de modo particular na EJA.

2. JUVENTUDES: CORPOS ESTRANHOS OU CORPOS PRESENTES?

O debate das juventudes na EJA, sobretudo a partir da década de 1990, convida-nos a refletir sobre esses sujeitos, suas culturas, suas pessoas, apontando para a importância da refundamentação de tais espaços. As relações étnico-raciais, de classe, de gênero, a sexualidade e a intergeracionalidade se apresentaram como escritas poderosas e plurais das juventudes situadas na EJA, durante a pesquisa de campo. Nas salas de aula, no recreio, na sala da direção, na sala dos/as professores/as, nos corredores, nas aulas de teatro, nas festas escolares, nas conversas, esses elementos se mostraram com relevo nas relações sociais cotidianas escolares.

De maneira específica, é importante salientar que as nossas compreensões históricas e culturais relativas às orientações sexuais e às identidades de gênero ainda estão longe de serem satisfatórias. Para os/as jovens, quando não há aceitação de suas orientações e identidades, seja por parte de familiares ou por parte dos/as conhecidos/as, tais atitudes se configuram como racistas. Os achados da pesquisa colocam, à mesa, que

3 Carlos Rodrigues Brandão (1991; 2012).



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2021.57796

há ainda pouco entendimento para abordagem de tais conteúdos de maneira organizada e refletida, no intuito de compreendermos a nós e aos/as outros/as com os/as quais convivemos diariamente. Ao nosso ver, é um paradoxo, considerando que estamos em um contexto onde há mais acesso às informações, produções de conhecimento e conquistas legais na área.

De outro modo, em nossa interpretação, a quantidade de informações disponíveis pode, inclusive, obliterar a boa informação para conhecer, implicando em relações e entendimentos de que as juventudes que, por ora, estão na EJA se apresentam através de corpos estranhos e não presentes. Com isso, a escola, como uma das responsáveis para a formação das pessoas em suas inteirezas, deve ser um lugar privilegiado para o trato desses conteúdos, indissociáveis de nossas vidas.

Em países como o Brasil, a relação entre a identidade de gênero, a orientação sexual e a violência se apresenta de modo limítrofe, constituindo-se como uma preocupação, talvez, primeira e constante da população de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Queer e Intersexuais (LGBTQI+), aspecto constatado através das experiências de jovens situados/as na modalidade EJA⁴. Essa problemática cotidiana, construída socialmente, justificaria o relevo do estudo, considerando os 20 (vinte) anos de aprovação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos, com o objetivo de podermos interferir propositivamente no campo formativo. Entre lembranças e memórias de jovens da EJA, que fazem parte da população LGBTQI+ e das gentes cis gênero, algumas escritas juvenis se desenharam como escritas de reexistências, sinalizando um cotidiano como um território de múltiplas aprendizagens⁵.

3. GÊNEROS E SEXUALIDADES: ESCRITAS JUVENIS E A PRODUÇÃO DE FRONTEIRAS CULTURAIS NA EJA

Com um olhar apressado, a fronteira pode ser definida como um limite, como uma divisa e/ou cisão entre territórios, seja geográfico, político ou cultural. Entretanto, a fronteira poderá vir a ser um lugar de travessias, de movimentos múltiplos, com temporalidades e ambivalências de um tempo presente, como menciona Homi Bhabha

4 Em matéria para o senado, Larissa Bortoni (2017) afirmou que a expectativa de vida de uma pessoa trans no Brasil era de 35 anos de idade, o que significava a metade da média no país.

5 Quando utilizo 'gentes' me inspiro no pensamento crítico-humanista de Paulo Freire e Carlos Rodrigues Brandão.



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2021.57796

(2013). Temos caracterizado as escritas juvenis como uma fronteira a partir da noção de lugar praticado, atravessado por diversas culturas e sujeitos históricos, em seus modos de ser e fazer, que costuram os seus percursos cotidianos com base em referências entrelaçadas em uma relação de interdependência com condicionantes sociais. Essas referências que nos dão pistas para afirmar os sujeitos jovens como juventudes, como sujeitos socioculturais, entendidos em suas contemporaneidades.

Escrevem, narram, fazem matrículas, criticam as posturas docentes, requerem consideração, desejam, constroem autocríticas, desenham antidisciplinas, recusam, sugerem, orientam a escola à surdina, grafam os seus modos de estar, silenciam, conflitam, socializam, reproduzem e denunciam discriminações homofóbicas, transfóbicas, racistas e sexistas. As juventudes anunciam, grafam reexistências, não só ao tempo em que dão continuidade ao processo de escolarização, mas quando reconstituem as suas vidas sociais e culturais cotidianamente, por vezes, esgarçadas, pois, na posição de alguns, "Do jeito que o mundo tá hoje, o futuro tá contra nós, né!". (Selton, estudante da EJA, dezembro de 2019).

Consideramos as escritas juvenis como fronteiras culturais, tendo em vista as experiências com as juventudes na escola pesquisada em diálogo com o pensamento de Homi Bhabha (2013, p.21), constituindo um lugar em que algo novo está por ser feito, como um começo que se expressa por meio de interpelações cotidianas de uma minoria, quiçá maioria. É neste encontro com o novo, na visão do autor, que há uma exigência de um trabalho fronteiriço da cultura. Trata-se de uma atividade de tradução cultural, o que exige sensibilidade e identificação do novo como ato insurgente, o que, ao nosso entender, significaria um desafio para o campo pedagógico. De acordo com Bhabha (2013, p. 261), a diferença cultural "não pode ser compreendida como um jogo livre", mas como uma intervenção que "nos confronta com uma disposição de saber ou com uma distribuição de práticas que existem lado a lado [...]", exigindo-nos negociação, diálogo e não aniquilação e/ou negação do outro.

"Olha, sou gay, não tenho medo de morrer por ser gay!" (Miguel, estudante da EJA, dezembro de 2019). Para Miguel, a homofobia é o ponto que mais tem marcado a sua história quando mencionamos a palavra escola, expõe: "Tu é doido, não tem nada que, a meu Deus do céu, não tem nada o que falar sobre isso porque é uma coisa que dói". Apesar de entender que nem todas as pessoas têm preconceito, esses estigmas relacionados ao gênero e à sexualidade ainda estão distantes de serem superados na nossa cultura. O estudante relata em uma de suas primeiras memórias escolares o xingamento por parte de uma criança, quando ele ainda cursava o 5º (quinto) ano em outra unidade escolar. Segundo ele, uma garota pequena, que aparentava ter 6 (seis) ou



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2021.57796

7 (sete) anos de idade, aproximou-se de sua pessoa, olhou para o seu rosto e exclamou em alto e bom tom: “-Você é um veado! Seu veado!”. Ele, com uma cara de espanto, respondeu: “- Vai crescer, pingo de gente!”. A sua atitude frente ao xingamento lhe fez recorrer à direção da escola. A gestão solicitou a presença da mãe da criança para o trato da questão. Ao chegar à escola, a mãe, e responsável, da estudante, com um tom de ironia, indagou: “-Você não é não, gay?”

Em fevereiro do ano passado, Preite Sobrinho (2019) publicou em uma matéria do portal UOL que o Brasil registra em média uma morte por homofobia a cada 16 horas. Esses dados tiveram base no relatório de Júlio Pinheiro Cardia, ex-coordenador da Diretoria de Promoção dos Direitos LGBTQI+. A reportagem denuncia o atual governo federal de não publicar as devidas estatísticas, o que confirma a lógica discriminatória e conservadora do poder executivo frente às problemáticas que circunscrevem às populações LGBTQI+ no país⁶.

Santos (2008) argumenta que esse cenário é parte de um ideal universalista antidiferencialista, apontando a hegemonia de políticas universalistas da desigualdade e da exclusão, lógica que fundamenta a gestão do sistema capitalista de produção, tendo o Estado um papel de mediador. O sociólogo ressalta que, por meio da desigualdade, as populações se integram de modo subalterno, exemplo disso seriam as políticas compensatórias estatais. Quanto à lógica da exclusão, argumenta sobre “[...] a função que consiste em distinguir, entre as diferentes formas de exclusão, aquelas que devem ser objecto de assimilação ou, pelo contrário, objecto de segregação, expulsão ou extermínio”, apontando, como exemplo, os sujeitos classificados como “desviantes sexuais toleráveis e intoleráveis”. (SANTOS, 2008, p. 285).

Ao retornar as escritas de Miguel, sobressaem outras lembranças relacionadas à violência e à homofobia na escola. Em uma cena, uma pedra arremessada por um estudante mais velho (pondera que este aparentava ter uns 12 (doze) anos de idade) em sua direção, ocasionando uma lesão em sua cabeça, quando tinha apenas 9 (noves) anos de idade. Um ato de violência que marcou o seu corpo com uma cicatriz. Acrescenta que, ao ser agredido com uma pedra em sua cabeça, logo, caiu na quadra da instituição e outros garotos chutaram as suas costas. Somam-se a isso, as várias vezes em que outros estudantes colocavam os pés para que ele caísse no chão e o insultasse verbalmente pelo fato de ser gay. Ao narrar esses episódios, Miguel falou em tom alto, emocionado e indignado. A antiga instituição escolar não teve nenhuma atitude positiva frente ao seu caso, alegando que o estudante que o agrediu era filho de um traficante da área. Nesse

6 Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/02/20/brasil-matou-8-mil-lgbt-desde-1963-governo-dificulta-divulgacao-de-dados.htm>. Acessado em: 20 de jun. 2020.



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2021.57796

sentido, a mãe de Miguel foi orientada a não ir à escola tomar satisfações, porque poderia ocasionar mais problemas.

Na atual escola, quando estava cursando o 7º (sétimo) ano, em 2018, alguns garotos e garotas o xingavam cotidianamente devido à sua orientação sexual e identidade de gênero, além de terem ocorrido brigas físicas. Depois de um tempo, ele novamente procurou a direção da escola, quando não aguentava mais tais situações. Relata esse momento com muito sofrimento. Apesar de não ter hoje uma boa relação com a sua mãe, foi ela quem, à época, esteve presente na escola, porque identificou o sofrimento do filho em casa. A sua mãe conversou com a direção e esta tomou medidas positivas, como a abertura de debate e diálogo com as turmas acerca da homofobia. A partir daí, “[...] nunca mais mexeram comigo, também por causa das coisas que a diretora falou, né?”. Mas, vez por outra, há ainda os que o chamam de veado, porém, sempre rebate às discriminações, não silencia.

Logo após, tornou-se integrante do grêmio estudantil e, com os seus posicionamentos críticos referentes à homofobia, tornou-se muito popular na escola, “[...] eu que sou o mais popular da escola, porque eu sou o mais popular dessa escola! Tanto tarde, como manhã e até noite, coisa que eu nunca pensei!”. E há a certeza de que irá fazer falta para a escola quando encerrar o ano letivo e migrar para o ensino médio em outra instituição, “Eu vou fazer falta sim [...], porque eu sou danado, sou, nan, não existe aluno que é santo, não existe. Então, eu vou fazer falta pro [nome da escola], porque eu acho que, assim, eu trago muita alegria, [...] pra sala também, em geral, e pros professores que eu saio brincando com todo mundo”. (Miguel, estudante da EJA, dezembro de 2019).

Quando indagamos quais aspectos foram fundamentais para o seu enfrentamento contra a homofobia na escola, busca em suas lembranças que a ideia de aceitar e assumir a sua identidade de gênero e não ter medo tornou-se a sua fortaleza, “Taí, uma coisa que eu nunca tive medo é de ser gay!” Está sempre com esse pertencimento em seu cotidiano, entre falares e corpos, destaca que, para além da escola, as pessoas vinculadas à igreja são, em geral, preconceituosas, sempre julgando e argumentando que “-Deus abomina!”,

Certo, Deus abomina, mas Deus quer o quê da gente? Nossos corações! [...] Ele não quer, se, não quer saber se você é puta, pode ser a pior puta! Se você se arrepender, de coração, ele lhe aceita. Mas se você é aquelas beatas que fica dentro da igreja, não é criticando, mas se você é aquelas beatas que fica dentro da igreja que só sabe criticar os outro por fora, você não vai pro reino do Céu não! Tem musiquinha aí, 'arrebato, só os



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2021.57796

crentes vão subir!' Nãoooo, 'só os católicos vão subir', nãoooo. Deus não quer aquele que fica direto lá não! Deus quer aqueles que tão fora da casa dele! (Miguel, estudante da EJA, dezembro de 2019).

Outra jovem trans que estava na EJA, turno da noite, relatou o seguinte: "-Fui para casa, tomei três calmante para dormir, fiz minhas orações e levantei minha cabeça." De fala fácil, simples e aberta às pessoas que chegam, Ana narrava suas trajetórias durante todo o tempo em que estivemos juntas. Em nossas primeiras conversas, Ana relatou um episódio recente de discriminação sofrido por ela durante um processo seletivo para concorrer a uma vaga de emprego de cuidadora de pessoas idosas. Fez um curso de cuidadora, porque se identifica com a área, assim, criou a expectativa de ser contratada, ao passo que finalizava o curso, mas esbarrou na transfobia. Relata que, durante a entrevista de emprego, olharam o seu perfil, o seu corpo inteiro e de imediato responderam que não a aceitavam devido à sua identidade de gênero, por ser uma mulher trans, "Fui para casa, tomei três calmante pra dormir, fiz minhas orações e levantei minha cabeça". (Ana, estudante da EJA, novembro de 2019).

Almeida e Vasconcellos (2018), estudando as pessoas trans e travestis em São Paulo e a relação com o mercado de trabalho, apontam que há cinco principais desafios, são eles: preconceito e homofobia; pouca escolaridade; a maneira de se expressar (linguagem corporal e verbal); a documentação; o uso do banheiro, o uniforme e o vestuário. Elementos que nos dão pistas para uma ordem estrutural que oblitera a garantia de direitos ao segmento LGBTQIA+. No nosso entendimento, esse cenário se configura como outra forma de racismo⁷.

Para Ana, uma de suas lembranças marcantes e dolorosas se deu aos 15 (quinze) anos de idade, quando sofreu espancamentos por jovens de seu próprio bairro, local de seu nascimento. Em suas escritas, um grupo de 4 (quatro) ou 5 (cinco) garotos, que a conhecia desde a infância, causou agressões físicas profundas, o que a levou quase a óbito. Após o ocorrido, Ana recordou que passou 4 (quatro) meses em casa se tratando dos ferimentos e das fraturas em seu corpo, incluindo um traumatismo craniano, ocasionando paralisia no lado direito do seu cérebro.

Por conta do processo de agressão sofrido, a estudante tem dificuldades para escrever de maneira retilínea. Em alguns momentos, apresentou-nos seus escritos trêmulos, que ela autodenominava de "garranchos". Hoje, para escrever em seu caderno, o que os/as professores/as solicitam em sala de aula, o movimento que realiza com o lápis

7 É importante salientar que as entidades vinculadas a tal público viabilizam ações em favor de suas pessoas no mercado de trabalho quando propõem discussões, manifestações, cursos de qualificação e lutas no campo legal.



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2021.57796

se torna lento na medida em que há uma preocupação em tornar as letras legíveis para os/as outros/as.

Ana passou 11 (onze) anos afastada do ambiente escolar devido às discriminações sofridas, retornando à escola por meio de seu ingresso na Educação de Jovens e Adultos, à noite. Na atual escola, Ana aponta que o espaço do teatro na escola é um lugar “Onde a gente pode ser quem quisermos, há liberdade, criamos...”⁸. Ela estava matriculada em uma escola situada longe de sua residência, mas era o lugar onde se sentia acolhida, especialmente na figura da diretora. Apesar do acolhimento, menciona que, de modo geral, há dificuldades de ser uma mulher trans nas instituições de ensino. Um dos problemas recentes enfrentados se deu ao receber a sua carteira de estudante que, mesmo solicitando a modificação de seu nome social, na impressão do documento constava o seu nome anterior, masculino. Ela relatava o seu constrangimento com tal situação, pois há aí uma ação que inviabiliza o respeito à identidade de gênero, a sua pessoa por inteiro.

Não só estabelecemos relações com essas memórias sociais de jovens presentes na EJA no momento da pesquisa, mas damos relevo a outras escritas que marcaram o cotidiano da escola no que diz respeito à sexualidade e ao gênero na modalidade em estudo. Se a escola, para muitos, “reflete” a realidade social que a circunscreve, ao nosso ver, pode configurar como um lugar de múltiplos aprendizados em diálogo com aos/as estudantes e as suas existências, indicando com-textos. Por se desenhar como uma necessidade de primeira ordem, os debates e as experiências relacionados às pautas supracitadas interferem na maneira como os/as jovens lidam consigo, com os/as colegas e com a sociedade, de maneira geral. Situamos a escola como um espaço privilegiado na atenção a esse processo.

As juventudes, em seus modos de e fazer na escola, escrevem as suas fronteiras culturais na EJA a partir do espaço dado em conexão direta com os seus saberes, quando oralizam, vestem-se, usam maquiagens, jogam bola, cantam, conversam, movimentam o corpo, brigam, namoram, “ficam”, conflitam, relacionam-se nos intervalos, nos corredores, nas salas de aula, no refeitório, nas entradas, nas saídas. Porque são sujeitos que estão por inteiro, não se desligam de suas subjetividades, seus desejos, suas raivas, seus corpos, seus pensamentos, seus suores, seus cheiros, suas vidas para estarem em sala de aula. Quando realizam as travessias diárias na porta da escola, da sala de aula ou de qualquer outro ambiente institucional precisam ser considerados como sujeitos socioculturais e históricos, porque têm escritas próprias.

8 Registros do nosso diário de campo.



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2021.57796

Com o nosso adentramento nas turmas de EJA, fomos identificando diferenças. Por exemplo, na turma da noite, acompanhamos um movimento distinto do dia. As mulheres são maioria à noite. Em parte, já são mães, jovens, negras, com presenças marcantes na sala noturna. Suas escritas juvenis se expressam de múltiplas formas, por meio de um tom alto de vozes, às vezes, um grito anunciando a chegada na porta da sala de aula, arrastam os chinelos e/ou sandálias, quase sempre maquiadas, fotografam-se e fotografam professores/as, trocam mensagens ao telefone, mascam chicletes, cabelos bem penteados (a maior parte crespo e encaracolado), colocam as suas dúvidas, as suas opiniões, interpelam os/as docentes em torno das abordagens pedagógicas e dos conteúdos que estão estudando.

Em relação às vestimentas, nem sempre usam o fardamento, nem todos/as o possuem. Com isso, as calças justas e jeans são preferenciais, tops, cropeds, camisetas, de vez em quando, vestidos justos ou saias. Relatam os acontecimentos diários, os namoros, as paqueras, as decepções, os sofrimentos, as curtições, as relações sexuais, os conflitos e os cuidados com os/as filhos/as, retornam para a estética juvenil/feminina, a necessidade de estarem empregadas, sentam-se juntas, agrupam-se, desfazem as fileiras tradicionais da escola. A maior parte está nos lugares da frente da sala, o que venho denominando de "turmas da frente" em detrimento das famosas "turmas de trás"⁹, ou turmas de todos os cantos e de todos os lados. Das jovens e suas identidades de gênero, há garotas cis gênero e bissexuais.

Ainda em relação à turma da noite, há os homens, ou jovens que se apresentavam mais silenciosos, "ficam na deles"¹⁰. Conversam menos, no geral, estão realizando as atividades, são minoria na turma da EJA III. Das identidades de gênero, há homoafetivos, cis gêneros, bissexuais e um estudante transgênero. Um dos garotos homossexuais marca bem a sua escrita em sala, quando chega com um estilo próximo aos integrantes de grupo de rock, anda sempre com vestimentas pretas, com cabelo em gel, muitos pircengs, pulseiras, botas, aproxima-se de um ou dois colegas que não são cis gênero e também das garotas.

As identidades de gêneros e as sexualidades no cotidiano da escola são uma constante, porque é parte fundamental de seu território. Na medida em que a nossa convivência e diálogo ganham em extensão, as escritas juvenis vão sendo decifradas. Do caso de uma avaliação que os/as estudantes da noite deveriam preencher, havia o espaço "F" (Feminino) ou "M" (Masculino) para identificar o sexo, dentro de uma lógica binária,

9 Fazemos referência a um texto de Carlos Rodrigues Brandão (1994) em 'A turma de trás'.

10 'Ficar na deles' é uma expressão para designar as pessoas que, no geral, não chamam a atenção de outrem, em sala de aula, estão quase sempre observando e executando tarefas.



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2021.57796

Melissa indaga: “-Não sou nem um, nem outro! Eu sou bissexual! E aí professor, faço o quê?”, não há ressonância do profissional. Mais a frente, Melissa se dizia lésbica, porque mora com a sua companheira. Todavia, estava divorciada de um homem cis gênero com o qual teve uma filha. Logo depois, Melissa, quando se referiu a um colega de sala, perguntou se ele era como trans ou como sapatão.

O estudante transgênero que Melissa se referiu da turma da EJA III, era Carlos. Um dia, Carlos relata que a gestão escolar o ameaçou com a transferência escolar por mau comportamento. Seu semblante era de tristeza, calava-se. Um dia, pegou a sua mochila e saiu de sala por ter sido suspenso. O seu boné, aparentemente, era alvo da escola para discriminá-lo e ameaçá-lo. Carlos sempre era chamado à atenção, tanto dos docentes como da gestão. Outros estudantes utilizavam o utensílio, um de seus amigos jovens conjuntamente havia levado uma advertência verbal. De outro modo, um estudante, já adulto, em sala, não era interpelado devido ao uso do boné, nem pela direção, nem pelos docentes. Alguns estudantes identificavam a distinção de tratamento e interpelavam em sala de aula, mas nada era feito. Em nossos registros no diário de campo, descrevíamos que “Pedro e Carlos (dois jovens) estão na escola sem o uso do boné, mas o senhor Antônio tem trânsito livre, entra na escola, em sala com o apetrecho, discretamente em sala, depois de um tempo, deixa o boné um pouco na cadeira, depois utiliza novamente”.

Na outra turma da EJA que acompanhávamos, situada no período da tarde, grande parte era composta por estudante negros/as, apesar de não estar identificado nas fichas de matrícula. Fomos caracterizando com base na cor da pele e em culturas experienciadas pelos /as próprios/as estudantes, seja quando falam de suas famílias, religiosidades e/ou do racismo sofrido em seus cotidianos. Os grupos dos garotos cis gêneros sempre estão juntos, são unidos, tanto dentro como fora de sala. Dificilmente no recreio estavam separados, uns dos outros. Em sala, as brincadeiras, os xingamentos e os conflitos estão muito presentes entre os meninos. Ao contrário da turma da noite, os garotos compõem grande parte da sala. Os rapazes são bastante falantes e têm uma presença marcante. A masculinidade é uma constante, tanto por parte dos estudantes como pela abordagem dos professores na escola. Em uma das aulas acompanhadas por nós, durante a frequência escolar realizada por um professor, surge “uma brincadeira” referente ao número “24”. Neste instante, um ar cênico, o professor verbaliza “23+1”, muitos sorriem, outros que se afetam, olham com uma cara de reprovação diante da abordagem. Quando não expressava “23+1”, pausadamente oraliza “24”. Em outra situação, alguns professores cis gênero tomam partido dos garotos cis em detrimento de estudantes mulheres, homoafetivos, por exemplo.

As meninas cis gênero, as garotas lésbicas e os garotos homoafetivos ficam, quase



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2021.57796

sempre, agrupados/as uns/umas com os/as outros/as, tanto em sala como no recreio. Adotam posturas marcantes, posicionam-se, brigam, disputam a atenção de docentes e da gestão escolar, questionam os privilégios dentro de sala e na escola, interferem nas abordagens pedagógicas e nos conteúdos propostos.

Nas misturas acústicas em sala de aula, damos relevo às conversas paralelas. Essas escritas juvenis exprimem múltiplos conteúdos, como: estética, corpo, sexualidades, gêneros, cabelo, cor da pele, música, redes sociais, assédios sexuais e abusos, séries estrangeiras, religiosidades, jogos como Free Fire, namoros, separações, paixões platônicas, amizades, parentes. Concomitantemente, estão os jogos de bolinhas de papel; os esconde-esconde de materiais escolares, seja para chamar a atenção de outrem, seja para iniciar um conflito como brincadeira e/ou zoação; aproximam-se por afinidades, distanciam-se por diferenças, brigam e brincam com seus corpos; insultam, por vezes, através de xingamentos que chegam a se tornar "comuns" nos vocabulários do cotidiano escolar, como: "corno", "sapatão", "galinha" e "veado".

Durante esses dias, registramos uma cena do cotidiano referente a uma jovem mulher na turma da tarde. No primeiro olhar, identificamos que havia muita confusão em sala em torno da estudante Dandara, de maneira específica, entre ela e os garotos. Quando um grupo de jovens a insultava, verbalizando "sapatão", ela contra-argumentava, identificando-se como uma garota lésbica e não sapatão. Um dos meninos retruca: "- Ela saiu do armário!". Dandara em tom alto, responde: "- Quem sai do armário é gay, eu saí da caixa!". Outro jovem, do mesmo grupo de meninos, joga materiais escolares em direção à Dandara, essa rebate com outros materiais em cima do colega. A professora observa, parece proteger Dandara, mas em relação aos xingamentos não interfere, solicita silêncio da turma para começar a explicação do conteúdo da aula. Dandara baixa a sua cabeça, coloca o fone de ouvido e demonstra uma expressão de tristeza até o final da aula.

Diante do exposto, com base nos achados da temática proposta, a nossa ausência de leitura, de formação e de apropriação para lidar com as juventudes (e qualquer outro segmento) e as suas culturas na EJA ainda são frágeis. E, apesar de termos identificado um pequeno acréscimo de estudos, legislações e pesquisas nos últimos anos na área, as ações se apresentam insuficientes, porque exigem um processo coletivo, político, de médio e/ou longo período. Ou seja, apropriar-se e dar importância aos estudos relativos às juventudes, transpassando gênero e sexualidade, escolares e não escolares, em grande medida, ainda não se constituem como objetos mediadores da prática educativa.

Contudo, indagamo-nos: Como repensar e refundamentar as nossas abordagens pedagógicas e formativas, levando em consideração as experiências juvenis na EJA, em



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2021.57796

seus modos de ser e fazer culturais, nos marcos dos 20 (vinte) anos de Diretrizes Curriculares para a EJA, considerando a atual conjuntura política que tem se apresentado como um retrocesso a tais conteúdos e sujeitos?

CONCLUSÕES

Estudar as relações entre as juventudes e a modalidade da EJA é parte de um conjunto de conhecimentos necessários à atual condição da educação pública. Fruto de um debate que se inicia nos anos de 1990, de acordo com a literatura, a noção de juvenilização aufere proporções poderosas na área, afetando, sobremaneira, o segmento juvenil. Atualmente, esses sujeitos se apresentam como uma "espécie de novidade histórica", ou melhor, um "incômodo" a ser revisto por meio das gestões públicas. Nos discursos cotidianos, em especial de profissionais da educação, era nítido o desdenhar alusivo a tais sujeitos que chegavam à modalidade. Esses discursos aliados aos achados da revisão de literatura, no geral, associam os/as jovens como "problemas sociais".

Afirmamos, em suma, que é preciso considerar as juventudes na condição de sujeitos socioculturais, o que nos exige saber de seus cotidianos em seus modos de verbalizar, pensamentos, fazeres culturais, corpos, vestimentas, relações de poder, histórias sociais. Não é possível continuar lidando e restringindo a função social da escola a cumprimentos de conteúdos programáticos e atemporais; não podemos realizar abordagens pedagógicas sem reconhecer tais especificidades e diversidades múltiplas que se fazem presentes. É preciso alinhar educações, subjetividades e culturas. Com isso, a escola não pode continuar com práticas que abordem os/as estudantes, como: "banco de dados", digam-se, "alunos/as", "feminino" ou "masculino", "N.E.E.¹¹", 0 a 10¹², "presente ou ausente", "aprovados/as", "reprovados/as", "repetentes", "evadidos/as", "abandonos/as", "readmitidos/as", "atrasados/as", "indisciplinados/as", "fora de faixa", isto é, outsiders.

Ao retornar o objetivo principal do trabalho em tela, compreender como se caracterizavam as escritas juvenis na modalidade EJA em relação aos debates das sexualidades e das identidades de gênero, necessariamente se aproximar, conviver e dialogar com as suas pessoas, realidades e culturas se tornou primordial. O cotidiano transpassou como uma abordagem mais condizente com os propósitos aqui listados,

11 Classificação para Necessidades Educacionais Especiais.

12 Quando exponho de 0 a 10, expresso as notas quantitativas.



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2021.57796

apresentando-se como possibilitador de aprendizagens múltiplas. O urdimento das análises tomou como liga as histórias sociais das juventudes, porque compreendemos esse segmento como sujeitos socioculturais. Reafirmamos que a escola perde quando não “contabiliza” as experiências jovens, seus saberes, seus corpos e suas pessoas, digam-se suas escritas. Pois as juventudes nos apresentam culturas fronteiriças que possibilitariam refundamentar este espaço, com referência há um tempo presente.

Pensar os processos educativos escolares, não só na EJA, mas em todos os espaços, entrecruzando pessoas, crianças, jovens, adultos e idosos na tessitura de escolas no plural, escolas democráticas libertadoras que tenham como centralidade as figuras-personagens dos/as estudantes-jovens, docentes, profissionais da educação, comunidade e território é uma necessidade. Ao nosso ver, se de um lado a educação formal e informal atuou até os dias presentes, em grande medida, como reprodutora de conhecimentos e de desigualdades, foram espaços e relações que instauraram reexistências, criatividade e rupturas.

A escola, apesar de ser a instituição prioritária de acesso ao conhecimento científico possível nos moldes do projeto moderno de sociedade, não é o único lugar. Com os processos democráticos, mesmo com todas as limitações, se pensarmos o Brasil e a América Latina, a instituição de movimentos de diversas ordens, os direitos sociais (mesmo restritos), outras ações coletivas e individuais cotidianas, o maior acesso à escolarização e outras formas de educações favoreceram aos sujeitos forma-ações de consciências coletivas, individuais e atos frente à ordem pré-estabelecida, somando-se a uma maior visibilidade, local e global, via novas tecnologias da informação e/ou redes de comunicação em tempo real. Consciências, atos e corpos que contribuíram e contribuem inclusive com o campo legal para possibilitar outras vias de sociabilidade e justiça social, no campo e na cidade.

Em síntese, quando a cultura escolar pública não dialoga com as múltiplas culturas e os sujeitos com as quais convive, a tendência é reforçar o neocolonialismo e a subalternidade, empregados por décadas através dos modelos de desenvolvimento hegemônicos impostos no contexto da América Latina e, em especial, no Brasil. Aspectos que apontam para uma necessidade de refundamentar as práticas educativas com as juventudes e demais sujeitos da EJA, adultos e idosos. Há, assim, uma urgência em debater no cotidiano das instituições, considerando os sujeitos envolvidos, seus territórios, a própria noção de escola e do que seja tal modalidade com fins de não reproduzirmos re-escolarizações. E, ainda, se a modalidade não se apresentar como uma política necessária e imprescindível para as pessoas que a compõem (estudantes, profissionais e comunidades), indissociável de um projeto de desenvolvimento social justo e humano, por



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2021.57796

consequência, continuará afetando profundamente os grupos majoritariamente de negros/as, de mulheres, LGBTQI+, de jovens e das classes populares.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Cecília Barreto de.; VASCONCELOS, Victor Augusto. Transexuais: transpondo barreiras no mercado de trabalho em São Paulo? Rev. direito GV. v. 14, n. 2, São Paulo. maio/ago. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-24322018000200303>. Acesso em: mai. 2020.
- ARROYO, Miguel G. Passageiros na noite do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa. Petrópolis: Vozes, 2017.
- BHABHA, Homi k. O local da cultura. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- BRANDÃO, Carlos R. O que é educação? São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.
- BRANDÃO, Carlos R. A turma de trás. In: MORAIS, Regis de (org.). Sala de aula: que espaço é esse? CAMPINAS: Papyrus, 1994. p. 105-122.
- BRANDÃO, Carlos R. O que é Educação Popular? São Paulo: Brasiliense, 2012.
- BORTONI, Larissa. Expectativa de vida de transexuais é de 35 anos, metade da média nacional. Senado Notícias, Brasília, DF, 20 jun. 2017. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/especial-cidadania/expectativa-de-vida-de-transexuais-e-de-35-anos-metade-da-media-nacional>> Acesso em: jun. 2020.
- CARRANO, Paulo. Educação de Jovens e Adultos (EJA) e Juventude: o desafio de compreender os sentidos da presença dos jovens na escola da “segunda chance”. In:
- MACHADO, Maria Margarida. Formação de educadores de jovens e adultos. Brasília: Secad/MEC, UNESCO, 2008. p. 103-118.
- PAIS, Machado. Culturas juvenis. Lisboa: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 2003.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Capítulo 8: A construção intercultural da igualdade e da diferença. In: SANTOS, Boaventura de Sousa. A gramática do tempo: para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2008. p. 279-316.



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2021.57796

SOBRINHO, Wanderley Preite (2019). Brasil registra uma morte por homofobia a cada 16 horas. Portal UOL. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/02/20/brasil-matou-8-mil-lgbt-desde-1963-governo-dificulta-divulgacao-de-dados.htm>> Acesso em: 20 jun. 2020.

Recebido em 15 de fevereiro de 2021

Aceito em 12 de setembro de 2021



A e-Mosaicos Revista Multidisciplinar de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ) está disponibilizada sob uma Licença *Creative Commons - Atribuição - NãoComercial 4.0 Internacional*.

Os direitos autorais de todos os trabalhos publicados na revista pertencem ao(s) seu(s) autor(es) e coautor(es), com o direito de primeira publicação cedido à e-Mosaicos. Os artigos publicados são de acesso público, de uso gratuito, com atribuição de autoria obrigatória, para aplicações de finalidade educacional e não-comercial, de acordo com o modelo de licenciamento *Creative Commons* adotado pela revista.